

**LINGUAGEM E CONTEXTO PRAGMÁTICO:
A CRÍTICA WITTIGENSTEINIANA À CONCEPÇÃO REFERENCIAL
AGOSTINIANA, COMO MÉTODO DE APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM E UMA
CONSEQUENTE TEORIA DO SIGNIFICADO.**

*Silmara Karine Mendes dos Santos (bolsista do PIBIC/UFPI), PI), Prof. Dr. Maria Cristina
Távora Sparano (Orientadora do Departamento de Filosofia – UFPI).*

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende contrapor à pragmática dos jogos de linguagem de Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas* a teoria referencialista de Santo Agostinho nas *Confissões*, tecendo assim considerações sobre o projeto fundacionista, que só poderá ser abandonado à luz de um modelo alternativo de conhecimento e justificação, confirmando assim hipóteses anti-fundacionistas como a da filosofia da linguagem de Wittgenstein numa perspectiva holística tarefa em desenvolvimento pela epistemologia contemporânea.

METODOLOGIA

Os procedimentos de trabalho da presente pesquisa consistem, essencialmente, na análise da bibliografia relevante, e em discussões em grupo com a orientadora, com a finalidade de se obter novas reflexões a partir dos argumentos de *Santo Agostinho* e *Wittgenstein* contribuindo assim para os debates contemporâneos em filosofia da linguagem e filosofia da mente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro passo para entendermos a filosofia da linguagem de Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* e sua consequente crítica feita ao método de Santo Agostinho nas *Confissões* seria levar em consideração que nesta obra Wittgenstein se opõe ao atomismo lógico trabalhado na sua obra *Tractatus*.

No *Tractatus*, Wittgenstein oferece uma imagem da linguagem como designativa de um conjunto de elementos, tais como nomes e proposições, os quais, pela via de uma articulação lógica, representam um conteúdo de forma fixa. Numa fase posterior da sua filosofia, a linguagem passa a

ser considerada por Wittgenstein como uma atividade que envolve conceitos que só adquirem sentido no contexto de situações de aplicação – o que Wittgenstein irá denominar de “jogo de linguagem”.

Wittgenstein em *Investigações Filosóficas*, no seu primeiro aforismo faz uma crítica ao método agostiniano de aprendizagem da linguagem em I.8, das *Confissões* mostrando claramente a nova fase de seu pensamento que abandona a linguagem formal (lógico-matemática) e que passa a trabalhar com a *práxis* na linguagem.

Na obra *Confissões* no livro I.8, Santo Agostinho nos mostra como aprendemos a falar e mostra isso em primeiro plano como uma capacidade dada por Deus a nós, que nos permite quando crianças comunicar nossos desejos através de gemidos, gritos e movimentos corporais. Como tais gestos, segundo ele, muitas vezes, parecem insuficientes para o entendimento das pessoas as quais nos dirigimos quando crianças passamos a reter na memória a coisa quando chamada pelo nome para que da próxima vez que a palavra for pronunciada recordemos do objeto que ela designa para assim aprendermos o significado daquela palavra.

Para Wittgenstein isso seria certa forma de mentalismo, o qual critica, por acreditar que não haja em nós capacidade inata para o estabelecimento da comunicação através da linguagem, pois para Wittgenstein, essa forma de aprendizado da linguagem é um modelo da “essência da linguagem”, portanto, não capaz de fundamentar a significação linguística, por ser referencialista e reducionista, e servir apenas como ponto de partida para fazermos os mais diversos usos da linguagem, os assim chamados “jogos de linguagem”.

Para Wittgenstein o modelo introduzido por Santo Agostinho é o ensino ostensivo das palavras, ou seja, o conhecimento primitivo dos nomes das coisas que constituem o mundo e que se torna necessário por servir como base principal para a entrada nos jogos de linguagem, onde as palavras obterão sua significação conforme a situação vivencial em que estão sendo utilizadas, obedecendo a regras de utilização que são estabelecidas comunitariamente pelos indivíduos de um determinado grupo ou sociedade e que estão inseridos em uma determinada cultura e época histórica, permitindo assim a comunicação entre os mesmos.

Lembrando que estas regras estabelecidas entre os indivíduos também estão inseridas em jogos de linguagem e, portanto são apenas regras de uso, regras pragmáticas (WITTGENSTEIN, 1999, §§ 54, 82 – 8,567) não possuindo assim nenhuma fixidez lógica entre as palavras como propunha no *Tractatus*, na qual sua filosofia da linguagem está arraigada numa concepção em que o significado se dá somente através de articulações lógicas entre as palavras em uma *proposição* que está vinculada fielmente aos *fatos*, assim chamado por ele, que constituem o mundo, fazendo com que a linguagem assuma o papel de representar a realidade.

A terapia que a linguagem recebe nas *Investigações Filosóficas* é a de ser libertada da tarefa de mostrar a realidade através da articulação dos nomes dos *objetos* que constituem o mundo. A linguagem passa a se tornar mais flexível através dos jogos de linguagem que estarão relacionados com as formas de vida, o significado agora depende dos diferentes usos e contextos em que a palavra está sendo utilizada contrapondo-se assim ao atomismo lógico do *Tractatus* e ao modelo agostiniano de aprendizado da linguagem.

CONCLUSÃO

Wittgenstein está interessando numa linguagem funcional constituída de vários significados, por esse motivo o método agostiniano é insuficiente, porque reduz o significado apenas ao objeto que ele designa, sem levar em consideração o contexto pragmático em que as pessoas estão inseridas. “Linguagem” agora é um conjunto de atividade que envolve palavras dentro das mais diversas situações. Santo Agostinho ao nos mostrar como aprendemos a falar não levou em consideração as inúmeras práticas sociais que estamos inseridos, apenas nos mostrou a maneira paradigmática com a qual conhecemos as coisas constituintes do mundo quando estamos desenvolvendo a fala.

O problema de que as entidades linguísticas são necessárias à significação, assim como a ligação imediata entre signo e objeto os quais emergem na obra *Confissões* é trabalhado nas *Investigações*, onde as diversas práticas ligadas à linguagem influenciam na significação de objetos e estas práticas fazem parte da gramática dos usos. Pois como diz Wittgenstein, é “mais natural” se considerarmos essas práticas como parte da gramática dos usos, como indissociáveis e de mesma natureza que as regras formais do uso das palavras, como parte constitutiva da significação linguística.

Assim fica concluído neste trabalho que Wittgenstein não buscou fundamentar a significação linguística e sim mostrar como a linguagem funciona, dando espaço para que o conhecimento evolua, já que ele se dá através da comunicação que é realizada através da linguagem constituída por palavras que são pertencentes ao diversos “jogos de linguagem” e que dependendo das situações mundanas podem sofrer alterações, não tornando assim o conhecimento sólido.

Palavras-chave: Fundacionismo. Anti-fundacionismo. Epistemologia

Bibliografia:

AGOSTINHO. *Confissões. De Magistro*, 4^o ed. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1987.

MORENO, Arley R. *Wittgenstein: através das imagens*, 2^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MORENO, Arley R. *Wittgenstein: os labirintos da linguagem: ensaio introdutório*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2000.

OLIVEIRA SOUZA, Lindomar de. *Wittgenstein e a concepção agostiniana da linguagem*.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999.

